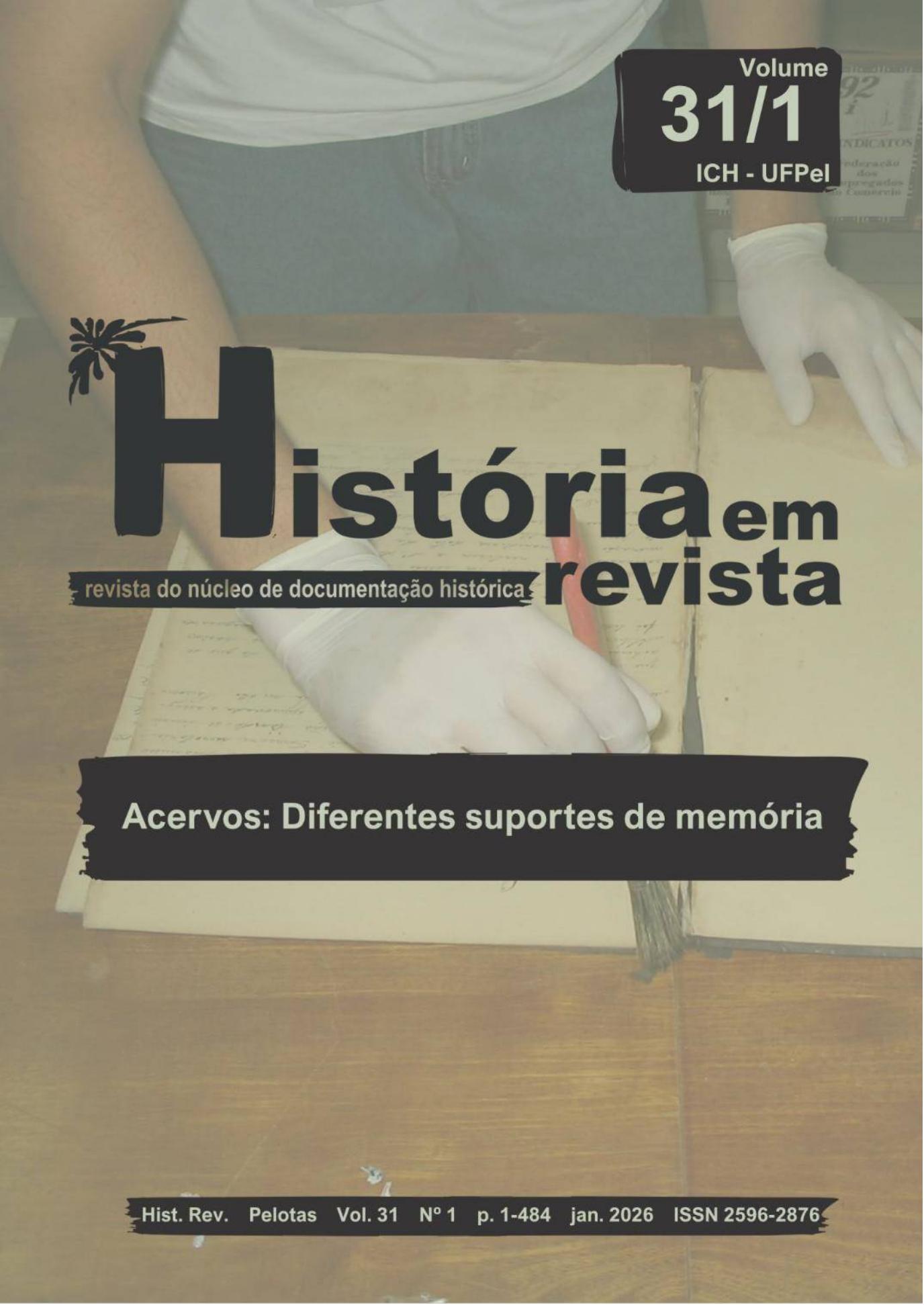


Volume
31/1

ICH - UFPel



História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

Acervos: Diferentes suportes de memória

Reitoria

Reitora: *Ursula Rosa da Silva*

Vice-Reitor: *Eraldo dos Santos Pinheiro*

Chefe de Gabinete da Reitoria: *Renata Vieira Rodrigues Severo*

Pró-Reitor de Ensino: *Antônio Mauricio Medeiros Alves*

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: *Marcos Britto Corrêa*

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: *Fábio Garcia Lima*

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: *Aline Ribeiro Paliga*

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis: *Josy Dias Anacleto*

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: *Taís Ullrich Fonseca*

Pró-Reitora de Ações Afirmativas e Equidade: *Cláudia Daiane Garcia Molet*

Superintendente do Campus Capão do Leão: *José Rafael Bordin*

Superintendente de Gestão Administrativa: *Mariana Schardosim Tavares*

Superintendente de Gestão da Informação e Comunicação: *Christiano Martino Otero Ávila*

Superintendência de Inovação e Desenvolvimento Interinstitucional: *Vinícius Farias Campos*

Superintendência de Infraestrutura: *Everton Bonow*

Superintendência do Hospital Escola: *Tiago Vieiras Collares*

Instituto de Ciências Humanas

Diretor: *Prof. Dr. Sebastião Peres*

Vice-Diretora: *Profa. Dra. Andréa Lacerda Bachettini*

Núcleo de Documentação História da UFPel -**Profa. Beatriz Loner**

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristedu Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

Prof. Dra. Márcia Janet Espig

Técnico Administrativo:

Cláudia Daiane Garcia Molet – Técnica em Assuntos Educacionais

Paulo Luiz Crizel Koschier – Auxiliar em Administração

História em Revista - Publicação do Núcleo de Documentação Histórica - Profa. Beatriz Loner

Comissão Editorial:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristedu Elisandro Machado Lopes

Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck

Profa. Dra. Márcia Janete Espig

Prof. Dr. Jornas Vargas

Paulo Luiz Crizel Koschier

Conselho Editorial:

Profa. Dra. Alexandrine de La Taille-Trétinville U., Universidad de los Andes, Santiago, Chile

Profa. Dra. Ana Carolina Carvalho Viotti (UNESP - Marília)

Profa. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)

Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)

Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos (UFPA)

Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha (UNICAMP)

Prof. Dr. Deivy Ferreira Carneiro (UFU)

Profa. Dra. Gisele Porto Sanglard (FIOCRUZ)

Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu (Universidade Federal de Uberlândia)

Profa. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)

Profa. Dra. Joana Maria Pedro (UFSC)

Profa. Dra. Joana Balsa de Pinho, Universidade de Lisboa

Profa. Dra. Karina Ines Ramacciotti, (UBA/CONICET/Universidad de Quilmes)

Profa. Ms. Larissa Patron Chaves (UFPel)

Profa. Dra. Maria Antónia Lopes (Universidade de Coimbra)

Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)

Profa. Dra. Maria de Deus Beites Manso (Universidade de Évora)

Profa. Dra. Maria Marta Lobo de Araújo (Universidade do Minho)

Profa. Dra. María Silvia Di Liscia (Universidad Nacional de La Pampa – AR)

Profa. Dra. María Soledad Zárate (Universidad Alberto Hurtado – Chile)

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)

Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).

Prof. Dr. Robson Laverdi (UEPG)

Profª. Dra. Tânia Salgado Pimenta (FIOCRUZ)

Profª. Dra. Tatiana Silva de Lima (UFPE)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Prof. Dr. Tiago Luis Gil (UNB)

Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Profa. Dra. Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE)

Editora: Lorena Almeida Gill

Editores do Volume: Ma. Ângela Beatriz Pomatti (Museu de História da Medicina do RS), Dra. Lorena Almeida Gill (NDH-UFPel) e Dra. Véra Lúcia Maciel Barroso (Arquivo Histórico do CHC - Centro Histórico-Cultural Santa Casa Porto Alegre)

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Imagem da capa: Trabalho de higienização de acervo do NDH-UFPel. Fonte: Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner

Pareceristas ad hoc: Dra. Adriana Fraga da Silva (FURG); Dra. Ana Celina Figueira da Silva (UFRGS); Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM); Dra. Cassia Silveira (UFRGS); Dr. Charles Monteiro (PUCRS); Dra. Cíntia Vieira Souto (UFRGS/MP-RS); Dra. Claudira do



UFPEL



Socorro Cirino Cardoso (Secretaria de Educação do Pará); Dr. Cristiano Henrique de Brum (FIOCRUZ); Dra. Daiane Brum Bitencourt (UFRGS/PUCRS); Dr. Daniel Luciano Gevehr (FACCAT); Dra. Daniele Gallindo (UFPEL); Dra. Elis Regina Barbosa Angelo (UFRRJ); Dra. Jaqueline Hasan Brizola (FIOCRUZ); Dra. Letícia Brandt Bauer (UFRGS); Dra. Maíra Ines Vendrame (UFPEL/UFJF); Dra. Márcia Regina Bertotto (UFRGS); Dr. Marcos Witt (Instituto Histórico de São Leopoldo - RS); Dra. Maria Teresa Santos Cunha (UFSC); Dra. Marisete Cristina Soares (UFT); Dra. Mariluci Cardoso Vargas (PNUD/MDHC/Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos); Dr. Paulo Roberto Staudt Moreira (UFPEL); Dr. Rejane Silva Penna (Arquivo Histórico do RS); Dra. Rosane Marcia Neumann (FURG/UNIPLAC); Dr. Tiago da Silva Cesar (UFRPE/UNICAP); Dr. Willian Junior Bonete (UFPEL)

Editora e Gráfica Universitária

Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: Ana da Rosa Bandeira

Representantes das Ciências Agrárias: Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner (TITULAR), Cássio Cassal Brauner e Viviane Santos Silva Terra

Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: Aline Joana Rolina Wohlmuth Alves dos Santos (TITULAR), Felipe Padilha Leitzke e Werner Krambeck Sauter

Representantes da Área das Ciências Biológicas: Rosangela Ferreira Rodrigues (TITULAR) e Marla Piumbini Rocha

Representantes da Área das Engenharias: Reginaldo da Nóbrega Tavares (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências da Saúde: Claiton Leonetti Lencina (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas: Daniel Lena Marchiori Neto (TITULAR), Bruno Rotta Almeida e Marislei da Silveira Ribeiro

Representantes da Área das Ciências Humanas: Maristani Polidori Zamperetti (TITULAR) e Mauro Dillmann Tavares

Representantes da Área das Linguagens e Artes: Chris de Azevedo Ramil (TITULAR), Leandro Ernesto Maia e Vanessa Caldeira Leite

Seção de Pré-Produção – Isabel Cochrane, Suelen Aires Böttge

Seção de Produção

Preparação de originais – Eliana Peter Braz, Suelen Aires Böttge

Catalogação – Madelon Schimmelpfennig Lopes

Revisão textual – Anelise Heidrich, Suelen Aires Böttge

Projeto gráfico e diagramação – Fernanda Figueiredo Alves, Alicie Martins de Lima (Bolsista)

Coordenação de projeto – Ana da Rosa Bandeira

Seção de Pós-Produção – Marisa Helena Gonsalves de Moura, Eliana Peter Braz, Newton Nyamasege Marube

Projeto Gráfico & Capa – Paulo Luiz Crizel Koschier

Rua Benjamin Constant 1071 – Pelotas, RS
Fone: (53) 98115-2011

Edição: 2026/1
ISSN – 2596-2876

Indexada pelas bases de dados: Worldcat Online Computer Library Center | Latindex | Livre: Revistas de Livre Acesso | International Standard Serial Number | Worldcat | Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

UFPEL/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-

770

Fone: (53) 3284 3208

Disponível em

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>

e-mail: historiaemrevista@ufpel.edu.br

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
Simone Godinho Maisonneve – CRB 10/1733
Biblioteca de Ciências Sociais – UFPEL

H673 História em Revista [recurso eletrônico] : (Dossiê : Acervos : Diferentes suportes de memória) / Núcleo de Documentação Histórica da UFPEL – Profa. Beatriz Loner, v.31, n.1, jan. 2026. – Pelotas: UFPEL/NDH, 2026 – 484 p. ; 18,1 MB

Semestral

e-ISSN: 2596-2876

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>

1. História – Periódico 2. Acervos 3. Museus

CDD: 907



Filiada à ABEU

O REPOSITÓRIO DIGITAL DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA DO IFSUL (PELOTAS-RS) COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA PÚBLICA ESCOLAR A PARTIR DO SEU ACERVO FOTOGRÁFICO (1930-1950)

THE DIGITAL REPOSITORY OF VOCATIONAL AND TECHNOLOGICAL EDUCATION AT IFSUL (PELOTAS, RS) AS A SPACE OF MEMORY AND HERITAGE: CONTRIBUTIONS TO PUBLIC SCHOOL HISTORY FROM ITS PHOTOGRAPHIC COLLECTION (1930-1950)

Adriana Duarte Leon

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (Campus Pelotas).

Email: adriana.adrileon@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0791-7359>

Rafaela Domingues Cavalheiro

Bacharel em História pela Universidade Federal de Pelotas. Graduanda no curso de Formação Pedagógica para Graduados Não Licenciados no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (Campus Pelotas).

Email:
cavalheiro.domingues@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-7387-2195>

Tobias de Medeiros Rodrigues

Doutor em Educação pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (Campus Pelotas). Analista de Tecnologia da Informação na Universidade Federal do Pampa - Unipampa.

Email: tobias.medeiros@gmail.com

Resumo: O presente artigo analisa o Repositório Digital História e Memória da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSUL) – Campus Pelotas, com ênfase em seu acervo fotográfico das décadas de 1930, 1940 e 1950. As fotografias escolares são tratadas como fontes históricas que revelam práticas pedagógicas, sociabilidades e culturas institucionais. A pesquisa dialoga com Kossoy (2001), Borges (2011), Halbwachs (2006), Pesavento (2020) e Cerqueira (2005), discutindo fotografia histórica, patrimônio escolar e memória social. Evidencia-se que o acervo preserva a memória institucional, possibilita narrativas históricas e fortalece a democratização do patrimônio educacional, configurando-se como instrumento de história pública e de compreensão da evolução da Educação Profissional e Tecnológica em Pelotas.

Palavras-chaves: Fotografia histórica; Patrimônio escolar; Memória institucional; Educação Profissional e Tecnológica; Acervo digital.

Abstract: The present article analyzes the Digital Repository History and Memory of Vocational and Technological Education (EPT), of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio Grande do Sul (IFSUL) – Pelotas Campus, with emphasis on its photographic collection from the 1930s, 1940s, and 1950s. School photographs are treated as historical sources that reveal pedagogical practices, sociabilities, and institutional cultures. The research dialogues with Kossoy (2001), Borges (2011), Halbwachs (2006), Pesavento (2020), and Cerqueira (2005), discussing historical photography, school heritage, and social memory. It is evidenced that the collection preserves the institutional memory, makes possible historical narratives, and strengthens the

História em Revista, Volume 31, n. 1, jan./2026, pg. 265 a 283

Artigo recebido em 20/09/2025. Aprovado em 02/10/2025

Dossiê Acervos: Diferentes suportes de memória

Publicação do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner

Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/about>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4719-583X>

democratization of educational heritage, configuring itself as an instrument of public history and of understanding the evolution of Vocational and Technological Education in Pelotas.

Luiz Felipe Pinheiro Berndt

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais pela Universidade Federal de Pelotas. Graduando no curso de Formação Pedagógica para Graduados Não Licenciados no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (Campus Pelotas).

Email: lufelipe.berndt@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-4851-6804>

Keywords: Historical photography; School heritage; Institutional memory; Vocational and Technological Education; Digital collection.

Introdução

O presente artigo tem como objeto de reflexão o Repositório Digital História e Memória da Educação Profissional e Tecnológica (HeMEPT), em desenvolvimento no Instituto Federal Sul-rio-grandense (IF Sul) – Campus Pelotas. Trata-se de uma iniciativa de preservação, organização e difusão do patrimônio histórico-educacional, com especial atenção ao acervo fotográfico da instituição, disponibilizado no repositório, composto por imagens produzidas nas décadas de 1930, 1940 e 1950. As fotografias escolares, neste artigo, serão tratadas como testemunhos históricos de práticas pedagógicas, sociabilidades e culturas institucionais, constituindo-se em fontes de memória e instrumentos de construção de narrativas históricas.

266

A relevância do acervo fotográfico se manifesta em três dimensões complementares. Em primeiro lugar, no campo da preservação, a digitalização responde à fragilidade dos suportes materiais tradicionais (álbuns, negativos, cópias impressas), frequentemente expostos à deterioração física ou relegados a arquivos desorganizados. A transposição para o ambiente digital assegura não apenas a salvaguarda do acervo, mas também sua valorização como bem cultural. Em segundo lugar, no âmbito da pesquisa, a fotografia, concebida como fonte histórica, oferece possibilidades analíticas que ultrapassam o registro escrito, permitindo compreender representações sociais, práticas escolares, relações de poder e processos de constituição de identidades. Em terceiro lugar, no campo da história pública, o acesso ampliado ao acervo por meio do repositório digital favorece a circulação social da memória, permitindo que ela seja apropriada por múltiplos públicos da comunidade acadêmica: egressos, professores, servidores, familiares, entre outros.

A questão central que orienta este estudo pode ser formulada nos seguintes termos: de que maneira a fotografia, enquanto fonte histórica e memória cultural,

contribui para compreender e narrar a história da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil? Considerando que as imagens escolares não constituem apenas registros ilustrativos, mas documentos de alta densidade histórica, capazes de articular memória institucional e história social. Ao mesmo tempo em que fixam sujeitos e acontecimentos, as fotografias constroem representações, projetam valores e instauram silenciamentos. É justamente nesse entrecruzamento entre visível e invisível, lembrança e esquecimento que reside sua potência como objeto de pesquisa.

Nesse sentido, este estudo utiliza um referencial teórico que problematiza a fotografia, o patrimônio escolar e a memória social como categorias analíticas interdependentes. Para a discussão sobre fotografia como documento histórico, destaca-se Boris Kossoy, cuja obra “História & Fotografia” (2001) oferece fundamentos para pensar a fotografia não apenas como técnica de reprodução, mas como linguagem, capaz de condensar temporalidades e afetos, revelando o que Kossoy denomina de “segunda realidade” da imagem, isto é, sua dimensão simbólica e interpretativa. Complementarmente, Maria Eliza Linhares Borges em “História e Fotografia” (2011), discute o impacto da técnica sobre a percepção estética e histórica das imagens, enfatizando como a reprodução altera a relação entre sujeito e objeto e influência o valor cultural e histórico da fotografia. Assim, as fotografias não são apenas evidências empíricas, mas documentos históricos que articulam o registro do visível e a construção do imaginário.

No que se refere ao patrimônio escolar, as reflexões de Fábio Vergara Cerqueira em “Patrimônio Cultural, Escola, Cidadania e Desenvolvimento Sustentável” (2005), e de Sandra J. Pesavento em “Cidade, Espaço e Tempo: Reflexões sobre a Memória e o Patrimônio Urbano” (2020), ampliam a compreensão da escola como espaço de produção cultural e patrimonial. Ao tratar a escola como lugar de memória, esses autores permitem conceber o acervo fotográfico como parte constitutiva do patrimônio escolar, no qual se entrecruzam dimensões materiais (objetos, prédios, arquivos) e simbólicas (ritos, representações, identidades).

No campo da memória social, Maurice Halbwachs, em Memória Coletiva (2006), destaca a importância da preservação e difusão na construção de identidades coletivas, propondo uma perspectiva sociológica da memória e enfatizando sua dimensão dinâmica e socialmente construída. A fotografia escolar, a partir dessas contribuições, assume o papel de instrumento ativo na produção da memória coletiva e social, e não apenas de simples registro.

A partir desse diálogo, o presente artigo propõe ressignificar a fotografia escolar como elemento ativo na construção da memória institucional e social, revelando camadas de sentido que atravessam tempo, espaço e relações educativas. Mais do que apresentar um inventário de imagens, a análise procura situar o Repositório Digital História e Memória da EPT como espaço dinâmico de pesquisa, reflexão e diálogo entre passado e presente.

O artigo organiza-se em cinco eixos principais. No primeiro, discute-se a fotografia como fonte para a História da Educação, explorando suas potencialidades

como documento histórico. No segundo, aborda-se a memória, o patrimônio e a cultura escolar, situando a fotografia como elemento constitutivo desse universo. O terceiro eixo apresenta o Repositório Digital da História e Memória da EPT do IFSul – Campus Pelotas como um espaço de preservação e difusão da memória institucional. O quarto eixo, História Pública e a democratização do acesso, concentra-se na análise das práticas que tornam o acervo acessível a diferentes públicos, evidenciando a potência do repositório como espaço de circulação do conhecimento histórico e engajamento social com o patrimônio educacional. Por fim, no quinto eixo, realiza-se a análise do acervo fotográfico das décadas de 1930, 1940 e 1950, buscando revelar práticas, representações e identidades que permanecem vivas na memória coletiva da instituição.

A fotografia como fonte para a História da Educação

Por muito tempo tratadas como meras ilustrações ou registros secundários, as fotografias hoje são reconhecidas como fontes históricas. Elas condensam em suas imagens não apenas a materialidade de um tempo e espaço, mas também as práticas, as representações e as identidades sociais que moldaram a sociedade. Este olhar historiográfico, que resgata a imagem do seu papel meramente decorativo, permite-nos investigar as narrativas visuais que coexistem e, por vezes, se opõem às narrativas escritas.

A fotografia, portanto, não é apenas uma prova do que foi, mas um testemunho da construção de uma representação de si e do outro. Ao ser analisada como linguagem, a imagem torna-se uma fonte capaz de revelar as complexas tramas de poder, saberes e sociabilidades que operam nos diversos âmbitos sociais, oferecendo um material único para a compreensão da história. No campo da História da Educação, e mais especificamente da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil, o uso da fotografia como fonte nos permite desvendar as representações de gênero, as hierarquias institucionais e as formas de projetar ideais e valores sociais vinculados à educação, oferecendo, assim, um acesso privilegiado à constituição e memória deste campo.

A compreensão da fotografia como um documento histórico se aprofunda ao considerarmos sua natureza dupla: um registro que transcende a mera ilustração e, ao mesmo tempo, um artefato cultural. Conforme Boris Kossoy em “Fotografia & História” (2001), a imagem, como um “registro fixo de um fragmento do mundo exterior” (Kossoy, 2001, p. 39), constitui um elemento essencial para os estudos históricos, pois, ao estar presente em todos os processos, pode ser interligada e conectada em análises específicas, ou seja, o conceito proposto por Kossoy aponta que a fotografia não se reduz a uma reprodução visual, mas funciona como um documento que preserva a materialidade e evidencia os contornos visíveis do passado, possibilitando ao pesquisador estabelecer conexões entre diferentes contextos históricos e sociais.

No entanto, a potência da imagem não se restringe apenas ao seu conteúdo documental, uma vez que ela também atua como uma expressão cultural na qual o

fotógrafo se revela como um agente ativo na construção da representação. Nesse sentido, Francieli Lunelli Santos (2008) destaca que a fotografia é uma forma de expressão na qual "o fotógrafo, enquanto autor da imagem, também participa do processo de representação, já que domina as técnicas de fotografar e direciona essa forma de interação" (Santos, 2008, p.141). Sob essa ótica, a imagem se configura como um filtro cultural, resultado de escolhas e subjetividades que moldam a visão do real.

Desse modo, a análise da fotografia jamais pode ser isolada, pois ela exige uma constante interrogação sobre o que revela e o que oculta. A intersecção das visões de Kossoy (2001) e Santos (2008) demonstra que a fotografia é, simultaneamente, um registro objetivo e uma representação subjetiva. A primeira nos convida a observar o conteúdo documental da imagem, enquanto a segunda nos impulsiona a desvendar as intenções, os discursos e os silenciamentos embutidos em sua composição. Essa dualidade é o que torna a fotografia uma fonte inestimável para a história, pois, como afirma Maria Eliza Linhares Borges em "História & fotografia" (2011), o historiador "deve considerar que o olhar do fotógrafo pode ter sido motivado por intenções distintas daquelas que orientam a pesquisa histórica" (Borges, 2011, p.85). Para que o estudo incorpore tanto o que é explícito quanto o que é implícito na imagem,

[...] sem, contudo, sucumbir às intenções do autor da fotografia, torna-se fundamental o método de contextualização da imagem, bem como o cruzamento do documento visual com fontes textuais e orais. Essa abordagem exige, portanto, a combinação de diferentes métodos de pesquisa para responder às questões tipicamente históricas (Borges, 2011, p. 85).

269

Afinal, a fotografia não se limita a ser um mero documento; ela é uma experiência de sentido, pois o ato de olhar para uma imagem do passado não é passivo, mas uma interação que nos permite uma conexão com o tempo e o espaço ali representados. Essa interação nos convida a uma reflexão sobre a própria natureza da imagem, sua capacidade de tocar a memória e de materializar o invisível. É nesse processo de investigação que a imagem se torna uma janela para o ontem, como defendem Vidal e Abdalla em "A fotografia como fonte para a História da Educação: questões teórico-metodológicas e de pesquisa" (2005),

[...] o que captura nossa atenção na imagem não se restringe à apreciação estética, mas envolve também a oportunidade de reconhecer e compreender o real. Por meio da fotografia, somos transportados no tempo e no espaço, tocando o passado e imortalizando momentos pela ação mecânica da câmera. Sob essa perspectiva, pode-se afirmar que a fotografia se revela uma fonte valiosa para a História e, especificamente, para a História da Educação, na medida em que nos permite visualizar o ontem e o outro em seus contornos de realidade e verdade (Vidal; Abdalla, 2005, p.178).

No entanto, essa "verdade" visual não é um reflexo neutro, mas uma construção intrinsecamente ligada à intencionalidade do fotógrafo e dos indivíduos que participam da cena. Nesse ponto, a reflexão anteriormente apresentada por Maria Eliza Linhares Borges (2011) se torna fundamental, pois se a fotografia imortaliza o passado, ela o faz a partir de um olhar seletivo. A autora nos lembra que "cada indivíduo define não apenas o que merece ser registrado, mas também sob que ângulo as ações sociais de seus cotidianos devem ser imortalizadas" (Borges, 2011, p. 30). Desse modo, as fotografias históricas, especialmente as escolares, representam um recorte particular da memória, um conjunto de escolhas que moldam a narrativa institucional e social.

Assim como a produção da imagem é resultado de escolhas, sua interpretação também é um ato subjetivo, "cada indivíduo fará uma leitura diferente da mesma imagem, de acordo com sua bagagem cultural e simbólica" (Santos, 2008, p. 142). A análise dessas imagens, portanto, exige que se vá além da superfície, buscando as razões por trás das escolhas de enquadramento, das poses e das situações que foram consideradas "dignas de serem lembradas".

Nesse sentido, a análise do acervo fotográfico do Repositório Digital História e Memória da Educação Profissional e Tecnológica (HeMEPT) em desenvolvimento no Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSl) – Campus Pelotas, fundamenta-se nos referenciais teóricos discutidos. Ao aplicar os conceitos da imagem como registro fixo, filtro cultural e narrativa subjetiva, busca-se decifrar as práticas pedagógicas, as relações de gênero, as dinâmicas de poder e as identidades em formação no contexto da educação profissional e tecnológica das décadas de 1930, 1940 e 1950. A análise do acervo fotográfico, em diálogo com outras fontes históricas, visa ir além da simples cronologia para revelar as complexas camadas de significado que moldaram a história da instituição e a memória de seus sujeitos.

Memória, Patrimônio e Cultura Escolar

A fotografia, longe de ser um mero registro passivo, constitui-se como uma fonte histórica de inestimável valor para a compreensão da memória, do patrimônio e da cultura escolar. De fato, sua capacidade de congelar um momento transcende a dimensão documental, uma vez que revela escolhas estéticas, enquadramentos ideológicos e, sobretudo, as complexas relações de poder que moldam a narrativa institucional. Assim, ao analisar as imagens, não apenas acessamos fatos, mas também deciframos as subjetividades e os filtros que determinaram o que seria capturado e, consequentemente, o que seria lembrado. Em outras palavras, o ato de fotografar não é neutro; pelo contrário, ele participa ativamente da construção de uma memória oficial, evidenciando a dimensão simbólica e política do cotidiano escolar.

Além disso, o estudo do patrimônio cultural oferece o arcabouço teórico necessário para compreender o que é considerado relevante para um grupo social, reforçando identidades coletivas e modos de memória compartilhados. De acordo com Fábio Vergara Cerqueira em "Patrimônio Cultural, Escola, Cidadania e Desenvolvimento Sustentável" (2005), "o Patrimônio aqui se refere ao legado social,

comum, que é depositário de memórias e de identidades coletivas, que no idioma inglês mais pertinentemente denomina-se *Cultural Heritages*" (Cerqueira, 2005, p. 93). Essa concepção amplia a noção de patrimônio para além da dimensão material, ao incluir práticas, saberes e registros que constituem a memória de um grupo, vinculando-se diretamente à função educativa da escola como guardiã e transmissora de valores sociais. Nesse sentido, o patrimônio cultural escolar, expresso em documentos, edifícios, objetos e fotografias, atua como um dispositivo de identidade, de pertencimento e de legitimação, refletindo a forma como a instituição deseja ser lembrada e reconhecida.

Consequentemente, o acervo fotográfico de uma escola transcende sua materialidade para se tornar um componente vital desse patrimônio, pois não apenas documenta a cronologia da instituição, mas também se torna um repositório de valores, tradições e aspirações selecionadas para preservação e transmissão. Em razão disso, essa seleção é também um processo de poder, ao legitimar certas práticas e atores enquanto invisibiliza outros, projetando no presente uma versão da história que se deseja perpetuar.

A dimensão da memória, por sua vez, é central nesse processo. Como aponta Sandra J. Pesavento em "Cidade, Espaço e Tempo: Reflexões sobre a Memória e o Patrimônio Urbano" (2020), "a memória voluntária se constitui como memória social, na qual a percepção subjetiva do tempo adquire sentido dentro da vida coletiva, ajudando a dar significado ao passado" (Pesavento, 2020, p. 212). Nesse contexto, Cerqueira (2005, p. 92) reforça que a educação escolar vai além da simples transmissão de conhecimento, atuando como um espaço de consolidação de práticas e valores. Portanto, a escola não é apenas um local de aprendizado cognitivo, mas um agente ativo na produção e preservação de memórias coletivas, integrando dimensões sociais, culturais e afetivas. No entanto, essa memória é um campo de disputa, pois sua seleção e organização podem tanto fortalecer laços comunitários quanto silenciar histórias divergentes. Assim, o acervo fotográfico funciona como um catalisador dessa memória coletiva, materializando-a em imagens que podem ser consultadas, revisitadas e reinterpretadas.

Ademais, segundo Maurice Halbwachs em "Memória Coletiva" (2006), a memória coletiva é "dinâmica e socialmente mediada, constantemente reconstruída à luz das necessidades do presente" (Halbwachs, 2006, p.15). Isso significa que o trabalho com a memória não se restringe ao resgate de fatos passados, mas envolve a criação de sentidos que dialogam com o presente e projetam futuros possíveis. Sob essa perspectiva, o acervo fotográfico escolar emerge como um verdadeiro lugar de memória, materializando a cultura escolar e permitindo a análise de suas dimensões mais sutis e complexas. Dessa forma, as fotografias podem revelar não apenas o que a escola oficial quis mostrar, mas também o detalhamento das histórias, interações informais e expressões de resistência que compõem o cotidiano.

A fotografia constitui uma ferramenta privilegiada para compreender a cultura escolar. Conforme Fabiany de Cássia Tavares Silva em "Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa" (2006), a cultura escolar se manifesta de duas

formas distintas: aquela registrada nos documentos oficiais e aquela que se revela nas práticas efetivas do cotidiano, muitas vezes não formalmente inscritas. Nesse contexto,

os principais elementos que desenhariam essa cultura seriam os atores (famílias, professores, gestores e alunos), os discursos e as linguagens (modos de conversação e comunicação), as instituições (organização escolar e o sistema educativo) e as práticas (pautas de comportamento que chegam a se consolidar durante um tempo) (Silva, 2006, p. 202).

Assim, as fotografias, ao capturar gestos, posturas, expressões e o uso dos espaços, permitem acessar essa cultura não formalizada. Elas se tornam registros das normas de conduta, das hierarquias, das identidades de gênero e das dinâmicas sociais que operam por trás dos currículos e regulamentos. Consequentemente, o acervo fotográfico não é apenas um repositório de eventos, mas uma materialidade capaz de revelar as complexas camadas da vida institucional e a relação entre o discurso oficial e a prática cotidiana.

Em última análise, a interpretação dessas imagens nos possibilita ir além da superfície. Ao integrar a análise fotográfica com as noções de patrimônio e memória escolar, é possível desvendar não apenas os recortes seletivos da memória institucional, mas também os processos de formação de identidades, as normas sociais em circulação e as dinâmicas de poder que moldaram a trajetória da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil. Assim, o estudo da fotografia como fonte histórica constitui uma porta de entrada para uma visão ampla, multifacetada e crítica da história educativa, revelando significados que as narrativas oficiais muitas vezes inviabilizam.

272

O repositório digital da EPT (Instituto Federal Sul-rio-grandense – Campus Pelotas)

O Repositório Digital História e Memória da Educação Profissional e Tecnológica (HeMEPT), concebido no âmbito das pesquisas do Grupo de Pesquisa História da Educação (GPHEDo), representa um marco na preservação e difusão da memória institucional do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSl) – Campus Pelotas. Mais do que um simples acervo de documentos, a plataforma constitui um espaço de construção, preservação e compartilhamento de narrativas históricas, permitindo que diferentes públicos, pesquisadores, estudantes, servidores e comunidade externa tenham acesso a fontes que antes se encontravam dispersas ou restritas ao espaço físico da instituição.

A criação do HeMEPT, responde a uma dupla necessidade: por um lado, salvaguardar o acervo histórico produzido ao longo de mais de um século de ensino técnico; por outro, democratizar o acesso a esse patrimônio, promovendo sua circulação e garantindo que a memória da instituição não permaneça restrita aos arquivos internos. Nesse sentido, o repositório materializa a função social da escola como agente produtor

e difusor de conhecimento, fortalecendo o sentimento de pertencimento da comunidade acadêmica e ampliando o diálogo com a sociedade. A disponibilização digital do acervo amplia o alcance das fontes, permitindo que a história da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil seja consultada de maneira mais ampla e inclusiva, superando barreiras físicas e geográficas.

Do ponto de vista estrutural, o HeMEPT foi desenvolvido para ser intuitivo, funcional e acessível, o layout da plataforma organiza o acervo por categorias temáticas, tipos de documento e períodos históricos, permitindo que o usuário navegue de forma tranquila e objetiva. A página inicial oferece menus de acesso rápido, busca por palavras-chave e filtros detalhados, garantindo que pesquisadores e público em geral possam localizar os materiais de interesse sem dificuldades. Cada documento, fotografia ou registro conta com uma página individual contendo informações essenciais, descrições detalhadas, facilitando tanto a compreensão quanto a utilização acadêmica dos arquivos.

Um aspecto fundamental do repositório é o uso de metadados padronizados, que registram informações como título, autor, data, tipo de documento, tema, localização física original e direitos de uso. Essa estrutura garante não apenas a organização sistemática do acervo, mas também sua interoperabilidade com outras plataformas digitais e repositórios institucionais. A consistência dos metadados possibilita buscas precisas e a construção de análises comparativas, tornando o HeMEPT uma ferramenta confiável para pesquisa histórica e pedagógica.

Além disso, a plataforma foi construída com atenção à acessibilidade digital, garantindo que usuários com diferentes necessidades possam consultar o acervo. Elementos como contraste adequado, descrições alternativas para imagens, navegação por teclado e compatibilidade com leitores de tela ampliam o alcance do repositório, alinhando-o às diretrizes internacionais de inclusão digital e tornando-o uma ferramenta de democratização do conhecimento histórico.

A curadoria do acervo, organizada de forma gradual e sistemática, reflete a intenção de estruturar uma narrativa histórica coesa. Ao digitalizar e disponibilizar documentos e fotografias, o HeMEPT converte registros físicos, muitas vezes vulneráveis à ação do tempo, em um legado acessível e permanente. Essa prática aproxima-se das discussões sobre patrimônio cultural imaterial, na medida em que transforma lembranças, memórias e práticas educativas em recursos coletivos, disponíveis para consulta, pesquisa e reflexão crítica. Nesse processo, a seleção, catalogação e organização dos materiais não é neutra: cada decisão curatorial envolve escolhas sobre o que será preservado e qual narrativa histórica será priorizada, refletindo valores institucionais e perspectivas sociais sobre memória e patrimônio.

Do ponto de vista técnico, o repositório se caracteriza pelo rigor metodológico aplicado às etapas de preservação digital. Processos como identificação, higienização, catalogação e digitalização em alta resolução asseguram não apenas a longevidade dos materiais, mas também sua qualidade como fontes de pesquisa confiáveis. Esse cuidado metodológico revela que o HeMEPT não é um mero depósito de imagens e

documentos, mas um espaço que confere inteligibilidade às fontes, organizando-as de forma a favorecer leituras históricas contextualizadas e múltiplas interpretações.

Nesse cenário, o acervo fotográfico ocupa um lugar central. Ele não se restringe à função ilustrativa, mas atua como ponte entre o registro documental formal e a dimensão simbólica da vida escolar. As fotografias preservadas e digitalizadas constituem um corpo documental que, ao mesmo tempo em que dialoga com os registros oficiais, abre caminho para a apreensão da cultura escolar em suas formas mais sutis, como práticas, interações e representações que marcaram diferentes épocas da instituição. Dessa forma, o HeMEPT consolida-se como uma ferramenta de história pública digital, ao tornar acessíveis e interpretáveis documentos que antes estavam restritos a espaços arquivísticos, contribuindo para a democratização do conhecimento histórico e para a valorização do patrimônio educacional como bem coletivo.

Assim, o repositório cumpre múltiplas funções: preserva a memória institucional, organiza e contextualiza o acervo de forma sistemática, amplia o acesso a diferentes públicos por meio de sua plataforma intuitiva e acessível, e promove a educação patrimonial ao possibilitar que a comunidade compreenda e se engaje com a história da instituição. Ao mesmo tempo, a disponibilização do acervo em ambiente digital abre caminhos para práticas de história pública, na medida em que possibilita a democratização do acesso, a circulação do conhecimento histórico e o engajamento de diferentes públicos com o patrimônio educacional. Essa dimensão será aprofundada no próximo tópico, em que se abordará a história pública e os processos de democratização do acesso ao acervo do IFSul – Campus Pelotas.

História Pública e a democratização do acesso

A concepção de História Pública apresentada por Juniele Rabêlo de Almeida e Marta Gouveia de Oliveira Rovai em “História pública: entre as “políticas públicas” e os “públicos da história” (2013) busca “pensar a história pública como possibilidade de difundir o conhecimento histórico – de maneira responsável e integrada – para amplas audiências” (Almeida; Rovai, 2013, p.1).

Essa formulação insere-se em um debate que problematiza a função social da História, deslocando-a dos limites estritamente acadêmicos e reconhecendo a legitimidade de espaços múltiplos de produção e circulação do conhecimento histórico. As autoras salientam que a história deve transcender os limites da academia, ganhando um “lócus ‘público’”, por meio da mediação de conhecimentos em diversos espaços, como arquivos, centros de memória, museus, entre outros. O que está em jogo, portanto, é a redefinição da própria função dos acervos fotográficos digitais como fonte histórica e patrimônio escolar, como do próprio conhecimento histórico na sociedade contemporânea, assumindo um papel de mediação entre ciência, memória e identidade social.

Nesse sentido, a prática historiográfica encontra um novo caminho ao voltar-se para:

[...] a inter-relação entre memória e narrativa, valorizando a construção de identidades coletivas. Nesse sentido, a História ganhou o seu lócus “público” para além da divulgação de um conhecimento organizado e sistematizado pela ciência, por meio da organização e mediação de conhecimentos locais (Almeida; Rovai, 2013, p.1).

Essa concepção de uma história que colabora para a reflexão da comunidade sobre sua própria história, evidencia um compromisso com a função social do conhecimento, tornando-o um patrimônio vivo e útil para o presente. A partir dessa perspectiva, a digitalização de acervos não pode ser entendida como uma mera prática técnica, mas como um instrumento central de democratização e de construção compartilhada da memória histórica.

Entretanto, a aspiração pela democratização exige uma reflexão crítica mais profunda. É aqui que o aporte de Luiza Porto de Faria em “História Pública em Movimento: Estratégias e Desafios na Formação de uma Sociedade Crítica e Empática” (2024), se revela fundamental, pois a autora adverte que a simples abertura dos acervos em formato digital não garante a efetiva universalização do acesso. Como destaca, é necessário problematizar o quanto democrático pode ser o acesso ao conhecimento histórico em um país marcado por desigualdades. Nas palavras dela há uma “necessidade de considerar os diferentes níveis de inserção e letramento digital da população e a importância de pensar políticas públicas que promovam o acesso equitativo às tecnologias digitais” (Faria, 2024, p. 259). A advertência é clara, sem enfrentar as barreiras sociais e tecnológicas que limitam a apropriação dos conteúdos digitais, a promessa de uma história acessível a todos permanece incompleta.

275

Essa crítica atua como uma lente corretiva, que obriga os projetos de História Pública a se comprometerem não apenas com a preservação, mas com a acessibilidade em diferentes caminhos. Para que a história digital seja “acessível e relevante para todos os segmentos da sociedade” (Faria, 2024, p.259), é preciso ir além da digitalização em si. É nesse ponto que o repositório digital HeMEPT (História e Memória da Educação Profissional e Tecnológica) se apresenta como uma experiência singular, pois foi concebido a partir de um *design* que incorpora o princípio da acessibilidade. Sua interface foi desenhada de forma intuitiva, suas descrições são claras e detalhadas, e o sistema de busca foi estruturado para favorecer diferentes níveis de leitura e compreensão. Essas escolhas, longe de meros aspectos técnicos, expressam uma concepção política e historiográfica: a de que democratizar o acesso é também pensar em quem acessa e como acessa, esse acervo fotográfico.

A urgência dessa abordagem se manifesta na própria essência da História Pública, que não se limita a ensinar ou divulgar, mas se reiterar que a “importância do estudo da história pública reside na sua capacidade de ampliar o alcance e o impacto da história, tornando-a mais acessível, relevante e significativa para diferentes grupos e comunidades” (Faria, 2024, p. 257). Nessa perspectiva, a História Pública se constitui

não apenas como divulgação, mas como democratização efetiva da produção, circulação e apropriação social do conhecimento histórico.

Esse horizonte de democratização se concretiza em etapas práticas no HeMEPT, o processo de reconhecimento dos documentos, triagem, limpeza, catalogação, definição da ordem de digitalização, criação dos arquivos digitais e publicação na plataforma expressa uma metodologia que, ao mesmo tempo em que garante rigor técnico, afirma um compromisso social. Não se trata de meros protocolos arquivísticos, mas de uma prática histórica que reconhece a “preservação, divulgação e acesso ao conhecimento histórico” (Almeida; Rovai, 2013, p. 7) como parte indissociável da função social dos arquivos.

Além de seu caráter instrumental, o repositório é, ele próprio, um objeto histórico. A curadoria das fotografias, a lógica de organização, a linguagem das descrições e o design digital refletem escolhas que se inserem em um processo de construção de sentidos. A fotografia, enquanto fonte histórica, é também patrimônio escolar, pois carrega a memória das práticas educativas, dos sujeitos e das materialidades que compuseram o cotidiano institucional. O repositório não é um espaço neutro: ele é um lugar de memória em si, no qual se cristaliza o esforço de uma instituição para preservar o passado e simultaneamente construir uma narrativa para o presente. Nesse sentido, sua análise não deve restringir-se ao acervo que contém, mas também às condições históricas e políticas de sua constituição.

A potência oferecida pelo acervo fotográfico digitalizado do HeMEPT revela-se na multiplicidade de dimensões que essas imagens encerram. Retratos de turmas, por exemplo, não podem ser lidos apenas como registros de alunos e professores; eles são documentos que evidenciam hierarquias sociais e pedagógicas, formalização de códigos disciplinares e representações de gênero. As imagens de oficinas e laboratórios, por sua vez, revelam não só a infraestrutura material da instituição, mas também as práticas pedagógicas baseadas no trabalho manual e na disciplina, caracterizando o ethos da formação profissional. Já as fotografias de atividades esportivas e de lazer testemunham a busca por uma educação integral, na qual a formação dos corpos e das subjetividades integrava-se ao projeto pedagógico.

276

Assim, o acervo fotográfico digitalizado e publicado no repositório digital não deve ser visto como um fim em si mesmo, mas como ponto de partida para novas investigações historiográficas. Ao oferecer acesso democrático a um patrimônio visual que antes permanecia restrito, não apenas preserva, mas convida a comunidade a se apropriar de sua história. As fotografias, em seu caráter de documento-memória, continuam a narrar as trajetórias que moldaram a Educação Profissional e Tecnológica em suas origens, confirmando o papel da História Pública como prática de democratização, reflexão crítica e construção social do passado.

Nesse horizonte, torna-se relevante lembrar que “a história pública não deve ser pensada apenas como divulgação, mas também poder entendida como democratização da produção de arte e educação” (Almeida; Rovai, 2013, p. 6). Ao enfatizar a educação, compreendida como espaço de formação, de socialização e de

disputa de sentidos, essa concepção amplia as possibilidades de uso dos repositórios digitais. Eles não apenas preservam documentos, mas os transformam em ferramentas pedagógicas, capazes de dialogar com diferentes públicos e de promover aprendizagens críticas. A educação, portanto, não se apresenta aqui apenas como objeto de investigação da história, mas como horizonte e finalidade dessa prática, pois é na esfera educativa — seja ela escolar, comunitária ou social — que a memória digitalizada se atualiza, encontra significado e gera novas interpretações.

O Acervo Fotográfico do Repositório Digital História e Memória da EPT:

O Repositório Digital História e Memória da EPT constitui um patrimônio digital de grande relevância para o estudo da história da educação profissional e tecnológica no sul do Brasil. O acervo fotográfico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSl) – Campus Pelotas oferece uma visão detalhada da instituição em suas primeiras décadas, composto por 129 fotografias distribuídas pelas décadas de 1930, 1940 e 1950, o acervo registra eventos pedagógicos, esportivos, exposições, desfiles e atividades culturais, permitindo uma análise temporal capaz de revelar tanto continuidades quanto transformações na cultura escolar e nas representações visuais da instituição.

Década de 1930:

A década de 1930 é retratada por 27 fotografias em preto e branco, de alta resolução, que registram com detalhes a rotina escolar. Elas mostram os estudantes da Escola de Artes e Ofícios em suas atividades diárias, destacando a disciplina, dedicação e o rigor técnico da formação oferecida. A fotografia da “Inauguração da 5ª Exposição Anual dos alunos do Instituto Técnico Profissional, julho de 1938” (Imagem 1) é emblemática, revelando a formalidade dos eventos e o orgulho de alunos e professores na apresentação de trabalhos manuais e técnicos.

Figura 1. Inauguração da 5ª Exposição Anual dos alunos - 1938



Fonte: HeMEPT, 2025.

Década de 1940:

O acervo da década de 1940, com 22 fotografias, mantém a continuidade das tradições escolares e permite observar transformações sutis na vida institucional. A fotografia da “Primeira banda da Escola Técnica de Pelotas” (Imagem 2) desfilando pelas ruas da cidade, com o Professor Antônio Nogueira ao centro, exemplifica a valorização das atividades extracurriculares e o engajamento da escola com a comunidade local.

Figura 2. Primeira banda da Escola Técnica de Pelotas - 1945



Fonte: HeMEPT, 2025.

279

Década de 1950:

A década de 1950, a mais amplamente documentada, com 80 fotografias, evidencia um período de modernização e diversificação das atividades escolares. As imagens registram a ampliação das práticas pedagógicas e sociais, com maior ênfase em esportes e atividades de integração, refletindo uma visão de educação mais ampla e humanista. A fotografia da “Equipe de vôlei da Escola Técnica de Pelotas, Ginásio Cruzeiro” (Imagem 3) exemplifica essa mudança, mostrando o Professor Antônio Nogueira ao lado dos atletas em um contexto de maior descontração e sociabilidade.

Figura 3. Equipe de vôlei da Escola Técnica de Pelotas, Ginásio Cruzeiro - 1958

Fonte: HeMEPT, 2025.

280

São inúmeras as possibilidades de estabelecer uma narrativa integrada ao acervo fotográfico, revelando não apenas o que foi registrado oficialmente, mas também práticas informais, interações sociais e histórias que permanecem na memória coletiva da instituição. O estudo das 129 fotografias permite compreender as mudanças ocorridas no IFSul – Campus Pelotas, evidenciando como a instituição articulou disciplina, técnica, sociabilidade e identidade coletiva ao longo de três décadas.

Mais do que registros visuais, as fotografias constituem documentos históricos que revelam práticas pedagógicas, relações sociais e processos de construção da memória institucional. Além disso, reforçam a importância do patrimônio digital na preservação da memória educacional, oferecendo acesso público a fontes que permitem compreender a história da educação técnica no sul do Brasil. Nesse sentido, as imagens atuam como ponte entre passado e presente, conectando práticas e valores escolares a debates contemporâneos sobre patrimônio, memória e história pública; proporcionando reflexão sobre a continuidade e transformação das instituições educacionais ao longo do tempo.

Conclusão

Ao longo deste estudo, evidenciou-se que a fotografia, especialmente aquela contida em acervos institucionais como o do IFSul – Campus Pelotas, transcende a função de mero registro documental, consolidando-se como uma fonte de alta densidade histórica. A análise das imagens demonstrou que cada fotografia atua simultaneamente como registro objetivo e como artefato cultural, capaz de capturar a materialidade do passado e, ao mesmo tempo, refletir os discursos, intenções e subjetividades de seu tempo. A partir das contribuições de autores como Kossoy (2001), Borges (2011) e Santos (2008) e outros, reafirma-se que o estudo fotográfico exige um olhar que vá além do visível, decifrando as múltiplas camadas de significado que moldaram a Educação Profissional e Tecnológica entre 1930 e 1950.

O acervo fotográfico, portanto, não deve ser compreendido apenas como um conjunto de documentos, mas como um verdadeiro lugar de memória e um componente vivo do patrimônio escolar. A análise evidenciou que as fotografias são instrumentos fundamentais para a preservação do patrimônio cultural e para a materialização da cultura escolar, permitindo compreender rituais, práticas pedagógicas e identidades coletivas da comunidade educativa. A história da instituição, dessa forma, não se limita aos registros escritos, mas se vivifica nos retratos de turmas, nas oficinas, nos eventos e nas celebrações que constituem a memória da escola.

A criação do Repositório Digital História e Memória da EPT representa uma resposta concreta aos desafios de preservação e democratização do acesso ao patrimônio escolar. Ao digitalizar e disponibilizar o acervo fotográfico, o projeto transforma registros historicamente restritos em um bem público, tornando-os acessíveis à academia, egressos, servidores e à sociedade em geral. Nesse contexto, o repositório funciona como uma poderosa ferramenta de história pública, convidando a todos a se apropriarem de sua história e a participarem ativamente da construção de sua narrativa coletiva.

281

Em última análise, este trabalho demonstra que as fotografias históricas, quando contextualizadas e disponibilizadas de forma acessível, não apenas relatam a trajetória da instituição, mas também asseguram que sua memória, seu patrimônio e sua cultura escolar continuem a dialogar com as gerações presentes e futuras. Assim, reafirma-se o valor das imagens como elementos centrais para compreender e preservar a Educação Profissional e Tecnológica em Pelotas e no Brasil, garantindo a continuidade de sua história e de sua identidade institucional.

Referências

- ALMEIDA, Juniele Rabélo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. A história pública: entre as políticas públicas e os públicos da história. In: **XXVII Simpósio Nacional de História – ANPUH**, 2013, Natal. Anais... Natal: ANPUH, 2013. p. 1820. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/33-snhs27?start=1820>. Acesso em: 08 set. 2025.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & fotografia**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- CERQUEIRA, Fábio Vergara. Patrimônio cultural, escola, cidadania e desenvolvimento sustentável. **Diálogos – Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 91–109, jan./abr. 2005. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/41420>. Acesso em: 08 set. 2025.
- FARIA, Luciana Porto de. História pública em movimento: estratégias e desafios na formação de uma sociedade crítica e empática. **Revista Histórias Públicas**, [S. I.], v. 2, n. 4, p. 256–261, 2024.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.
- INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE. Campus Pelotas. **Repositório Digital História Memória da EPT (HeMEPT)**. Pelotas. Disponível em: <http://hemept.pelotas.if sul.edu.br/hemept/>. Acesso em: 20 set. 2025.
- INSTITUTO TÉCNICO PROFISSIONAL. **Inauguração 5ª Exposição Anual dos alunos do Instituto Técnico Profissional**. 1938. [fotografia]. Em: **Repositório Digital História e Memória da ETP (HeMEPT)**. Pelotas, 2023. Disponível em: http://hemept.pelotas.if sul.edu.br/hemept/wp-content/uploads/2023/07/FOTOS-30_11-01-1024x764.jpg. Acesso em: 11 set. 2025.
- INSTITUTO TÉCNICO PROFISSIONAL. **Primeira banda da Escola Técnica de Pelotas**. 1945. [fotografia]. Em: **Repositório Digital História e Memória da ETP (HeMEPT)**. Pelotas, 2023. Disponível em: http://hemept.pelotas.if sul.edu.br/hemept/wp-content/uploads/2023/07/FOTOS-40_12-1-1024x679.jpg. Acesso em: 11 set. 2025.
- INSTITUTO TÉCNICO PROFISSIONAL. **Equipe de vôlei da Escola Técnica de Pelotas**. 1958. [fotografia]. Em: **Repositório Digital História e Memória da ETP (HeMEPT)**. Pelotas, 2023. Disponível em: http://hemept.pelotas.if sul.edu.br/hemept/wp-content/uploads/2023/08/FOTOS-50_12-1-1024x682.jpg. Acesso em: 20 set. 2025.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- PESAVENTO, Sandra. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, [S. I.], n. 158, 2020. Disponível em:



<https://seer.ufrgs.br/index.php/revistaihgrgs/article/view/109697>. Acesso em: 08 set. 2025.

RODRIGUES, Tobias de Medeiros. **Percepção dos usuários do repositório digital História e Memória da ETP do IFSul: relevância, impacto e contribuições à preservação e pesquisa**. 2025. Tese (Doutorado Profissional em Educação e Tecnologia) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Campus Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Pelotas, 2025.

SANTOS, Francieli Lunelli; KOSOY, Boris. Fotografia & história. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 13, n. 1, 2008. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2262>. Acesso em: 10 set. 2025.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 201–216, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/w6kJ5hdSGVRnhRWTVp68D3P/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 08 set. 2025.

VIDAL, Diana G. de; ABDALA, Rachel Dias. A fotografia como fonte para a História da Educação: questões teórico-metodológicas e de pesquisa. **Educação**, Santa Maria, v. 30, n. 2, p. 177–194, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/3745>. Acesso em: 10 set. 2025.